

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 13, n. 1

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER A PARTIR DOS DADOS DO FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA NA PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DO CORPO

ÍTALO PEREIRA¹
NATHÁLIA CAVALCANTI²
THAÍS FONSECA³
VIVIAN SILVA⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma breve análise dos dados sobre violência contra a mulher contidos no Fórum Brasileiro de Segurança Pública a partir da discussão teórica de Le Breton (1992) e Wilhelm Reich (1977). Foram analisados oito artigos contidos no campo de “violência contra a mulher”, incluindo indagações sobre os estudos do corpo, das percepções acerca da temática gênero e das violências que podem decorrer a partir delas. Analisado o todo da proposta, percebe-se que as violências que as mulheres sofrem em seu cotidiano são de caráter específico, a violência de gênero.

Palavras-chave: Violência; Gênero; Sociologia do corpo, FBSP.

1 Estudante de Iniciação Científica; Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA; e-mail: italoak91@gmail.com.

2 Estudante de Iniciação Científica; Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA; e-mail: cavnathalia@gmail.com.

3 Estudante de Iniciação Científica; Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA; e-mail: thaispsicmf@gmail.com.

4 Docente da Faculdade de Ciências Humanas-ESUDA e da FAINTVISA, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE) Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Violência, Criminalidade e Políticas Públicas de Segurança - NEPS/ PPGS/ /UFPE; e-mail: vivian.esuda.2015@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

As análises coletadas no fórum brasileiro de segurança pública para a construção do artigo indicam que as violências sofridas pelas mulheres em seu cotidiano são de caráter específico, a violência de gênero (ARAÚJO, 2017). Temática esta que merece devida atenção, como nesse estudo, uma vez que, existem diversas pesquisas tratando do tema porém não aparentam estar sendo utilizados pelas instituições criadas para a manutenção da segurança pública, quando se põe em pauta a vivência pública e privada das mulheres, como visto nos dados coletados.

O trabalho justifica-se a partir da necessidade de trazer à discussão científica a vivência das mulheres, uma vez que se é aprendido e reforçado em nossa sociedade que certos aspectos da vida são de âmbito apenas da mulher, gerando estigmas e barreiras que lhe são impostas, podendo causar privações na vida cotidiana. Os dados aqui presentes mostram uma hipótese de pesquisa, em que mulheres estão resignificando suas posições e trazendo para si a luta e se apropriando do espaço de mudança.

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise dos dados sobre violência contra a mulher contidos no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que funciona enquanto portal sem fins lucrativos fornecendo um espaço para a discussão e reflexão do segurança pública no Brasil, onde observa-se estudos sociológicos e antropológicos sobre a identidade feminina e as violências de gênero, no que concerne ainda à identificação de violências.

Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se pesquisa bibliográfica, com estudo descritivo que buscou analisar materiais científicos sobre o tema, produzidos no Brasil a partir dos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) com artigos entre 2014 a 2018. Selecionados como consideração metodológica, a interlocução de oito artigos contidos na área de “violência contra a mulher”, como uma possibilidade para pensar esta violência em particular; e análises contidas nas considerações metodológicas na área da sociologia, ciência abordada nesta pesquisa, material de observação do meio, dos sujeitos e da situação de violência

em que se encontram as mulheres no Brasil na pós modernidade do século XXI de acordo com o suscitado na Sociologia do Corpo de Le Breton (1992).

2. CORPO, ELEMENTO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

Em “A sociologia do corpo”, Le Breton (1992, Pag. 9) traz um resumo histórico sobre os movimentos e estudos sociológicos referentes à categoria corpo:

“No final dos anos 1960, a crise de legitimidade das modalidades físicas da relação do ser humano entre si e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo, a “revolução sexual”, a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de associar-se somente ao *corpo*, etc.”

A noção de corpo não mais visto como unidade do ser, mas como parte, ferramenta do mesmo e em alguns casos, um outro que não espelhava o ser propriamente dito. O que interessou a sociologia do corpo visto que “o corpo poderia ser analisado fora do homem concreto”, facilitando os estudos acerca da temática.

Na sociedade contemporânea ainda é possível observar em veículos de informação, notícias a respeito da vivência do corpo feminino, visto como objeto na nossa sociedade. Corpo transpassado e que passa por inúmeros problemas que o impedem de ter o livre direito à vida. Atualmente há maior abertura para o debate a respeito da invisibilização dos direitos das mulheres e do aumento da divulgação das demandas destas, porém ainda existem muitos que acreditam que o regime patriarcal deve ser mantido.

De acordo com Le Breton (1992) como “emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural”. O sujeito enquanto ativo no processo de interação com o mundo busca o equilíbrio do conflito entre si e o mundo sociocultural (SILVA, 2008 apud REICH, 1977). A condição enfrentada pelo sujeito, gerada a partir desta tensão entre suas necessidades subjetivas e repressões impostas pelo meio social estruturam-o corporalmente com defesas geradas a partir da tensão de lidar com essa dualidade.

Os dados da pesquisa revelam que ainda hoje, é possível verificar que mulheres são o menor número dentro da segurança pública e as vagas oferecidas não são fiéis à quantidade de mulheres que se candidatam ao cargo. E as que estão dentro dele, em quantidade menor, possuem alto grau de escolaridade comparada aos homens que fazem parte da sua mesma função. As dificuldades também atravessam sua posição dentro da própria instituição, sendo ela nos recursos, falta de instrumentos e espaço para abarcar a presença feminina no ambiente de trabalho. Desta forma, mulheres são violentadas na tentativa de adentrar os espaços de emprego. Segundo Soares & Musumeci (2005) citados por Araújo (2017):

A instituição policial não se preparou para receber as mulheres. Muitos batalhões não tinham banheiro, vestiário, equipamento de segurança ou uniformes adaptados ao corpo feminino (situação encontrada ainda hoje). Muitos se negavam a recebê-las porque diziam que não tinham onde colocá-las, nem sabiam o que fazer com elas (ARAÚJO, 2017, p. 86)

A leitura dos artigos pesquisados em nosso estudo sugere que com os avanços no reconhecimento dos direitos, o trabalho da polícia passou a também a dar treinamento a respeito da violência de gênero, como “das Delegacias de Defesa da Mulher e unidades policiais especializadas, como as Patrulhas da Maria da Penha” (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018).

Foi observado na análise dos dados que ainda há de se levar em consideração que os profundos debates travados na sociedade, nas ruas e nos meios de comunicação decorrem do empenho dos movimentos das próprias mulheres e organizações de espaços especializados que conferem importante divulgação das ferramentas hoje disponíveis ao combate da violência contra a mulher em um meio extremamente violento, que é o nosso país.

Nosso grupo de “pertencimento” nos diz o que é valorizado e o que não é, o que será recompensado e o que terá punição, e a partir disso, adaptamo-nos para continuar vivendo na “proteção” do grupo. “Não há nada de natural no gesto ou na sensação”, Le Breton (1992). Desta forma, foi observado que ao se deparar com o outro que pode trazer uma nova perspectiva, atacam-no e defendem seu próprio olhar, inclusive, impedindo a manifestação desse outro. O que pode ser relativo, pois nossas percepções já foram corrompidas pelo meio em que vivemos desde a formação de nossos corpos. “Estamos predispostos inicialmente a interiorizar e

reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana”, lembra Le Breton (1992).

Alguns movimentos feministas foram ganhando visibilidade após 2011 no Brasil, tendo seu início na Marcha das Vadias, ou *Slut Walk*, que protestavam a respeito da agressividade contida em algumas cantadas, propostas vindas de relações de autoridade, como chefes e professores, proximidade corporal ou desenvolvimento de ciência de outros tipos de violência, como a psicológica, muito presente em relacionamentos, porém a sociedade não mostra-se disponível para tais movimentos.

De acordo com Le Breton (1992):

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator (Le Breton, 1992, p.7) .

Os dados de pesquisa permitem afirmar que, em casos de denúncia, nos trabalhos para quebra de preconceitos é importante ter questões como, os pensamentos e sentimentos refletidos nas ações preconceituosas, informações e fatos verídicos sobre as questões de gênero e, por fim, como deverá e poderá ser a recepção de pessoas e casos que necessitem de cuidados específicos.

Considerando a fragilidade em que se encontram essas vítimas após a agressão, e que a delegacia constitui a porta de entrada delas na rede de proteção, se faz necessário fortalecer o atendimento especializado de modo a garantir que ele não seja um fator que reforça ainda mais a subnotificação destes crimes (BRIGAGÃO et. al., 2014).

Os dados coletados nos artigos apontam que ao criar um espaço de reflexão para quem irá enfrentar essas demandas proporciona-se um local para pensar sobre suas próprias experiências e valores individuais permitindo compreender e até reconhecer as demais violências. Ao aprenderem sobre a violência de gênero e ao entendê-la como real, o profissional poderá ser agente de ensino a outras pessoas e também poderão fazer parte da rede das instituições de proteção às questões de gênero.

No caso da violência doméstica, deve ser tratada judicialmente e imediatamente. O ritmo que segue nosso sistema jurídico, por julgar todos os tipos de casos em um mesmo local e pelas mesmas pessoas, não serve para o tratamento em específico. Por isso é necessário que se crie uma vara especializada. As varas especializadas “dão maior agilidade aos processos, permitindo que as sentenças sejam proferidas em um intervalo de tempo menor, o que demonstra para a sociedade que a lei está sendo cumprida (BRIGAGÃO et. al., 2014)”.

Ao corpo feminino foi reservado o privado, o reprodutivo, enquanto homens são responsáveis pela esfera pública, a produtiva. À mulher, foi ensinado a invisibilizar-se, pois suas expressões eram vistas e significadas como irresistíveis aos homens. Tanto para evitar ataques, como para que se enquadre nos padrões necessários ao seu destino “natural”. O corpo masculino pode crescer “solto”, a ele é necessário a individualidade e a agressividade, a anarquia. O *corpo* existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social (Le Breton, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito da pesquisa foi buscar os dados contidos no Fórum Brasileiro de Segurança Pública sobre violência contra a mulher, temática necessária de ser abordada atualmente pelo fato de nossa sociedade falhar em garantir o direito das mesmas. As mulheres estão sendo impedidas e morrendo por questões de gênero. O fórum brasileiro de segurança pública foi a base de dados deste trabalho.

Uma das principais contribuições de “A sociologia do corpo”, de David Le Breton, para pensar a categoria corpo foi trazer um diálogo sobre três perspectivas da corporeidade na Sociologia. O objeto “corpo” de acordo com a história e a compreensão das dimensões sociais e culturais. Sendo assim possível interpretar os dados tirados dos artigos submetidos no FBSP à respeito da violência contra a mulher.

É necessário refletir a partir da perspectiva psicossocial sobre violência contra a mulher, pois, pelo que parecem muitas vulnerabilidades das mulheres vêm

da falta de informação a respeito dos seus direitos e da questão sócio-histórica. Informação que também falta nos sujeitos do convívio social da mulher. A violência contra a mulher é uma realidade cruel. O corpo da mulher, controlado pelo grupo a que pertence, visto como propriedade e sofrendo violências numa sociedade que é conivente com uma realidade misógina, tratando-a de forma naturalizada, ainda precisa encarregar-se de lidar com a culpa a qual lhe é imposta.

São essas questões em que o corpo feminino está submetido que buscamos entender. Com trabalhos com esse tema, acreditamos aumentar o ritmo de educação e, conseqüente, desconstrução de preconceitos. Para as próximas pesquisas, poderíamos ir mais a fundo na história e ver a construção social da definição do feminino. Construir uma realidade mais acolhedora às mulheres, dando luz aos dados de uma violência tão presente no cotidiano é dever nosso enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tatiana dos Santos. **Mulheres em Fardas Policiais militares no Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Segurança Pública, Vol. 11, N. 1, 74-96, São Paulo – SP, Fev/Mar 2017.

BUENO, Samira et. al. **A Polícia precisa falar sobre estupro: percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas de estupro nas instituições policiais**. Portal FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, Set 2016.

BUENO, Samira et. al. **As mulheres nas instituições policiais**. Portal FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, 2015.

BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado e col. **Segurança Pública E Vulnerabilidade De Mulheres E Crianças: Os Municípios Podem Fazer Algo A Respeito?**. Portal FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, 2014.

CARDEAL, Camila. RIBEIRO, Ludmila. **Relações de gênero nas Guardas Municipais**. Revista Brasileira de Segurança Pública, Vol. 11, N. 1, 50-72, São Paulo – SP, Fev/Mar 2017.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em:
<<http://www.forumseguranca.org.br/>> Acesso em: Março, 2018.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Princípios Pedagógicos para a Formação Policial em Violência de Gênero**. Rev. bras. segur. pública | São Paulo v. 11, n. 1, 98-108, Mar 2018

HUMANAE. Disponível em:

<<http://humanae.esuda.com.br/index.php/humanae/index>> Março, 2018.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Editora Vozes, 2ª edição, Petrópolis – RJ, 2007.

LIMA, Renato Sérgio de. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. Portal FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, Mar 2017.

NASCIMENTO, Marília Gomes do. PORTELLA, Ana Paula. **Impactos de Gênero na Redução da Mortalidade Violenta: Reflexões Sobre o Pacto Pela Vida em Pernambuco**. Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 8, n. 1, 48-68 Fev/Mar 2014.

PASINATO, Wânia. **Por Um Resgate Da Trajetória Feminista Maria Da Penha**. Rev. bras. segur. pública | São Paulo v. 11, n. 1, 98-108, Fev/Mar 2017

SILVA, Priscila Cristina da. **Wilhelm Reich: uma leitura hermenêutica do corpo como cogito**. 2008. 179 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99009>>.